



## DA RETÓRICA ANTIGA AO OFÍCIO DO PROFESSOR NA SALA DE AULA HOJE: RELAÇÕES POSSÍVEIS<sup>1</sup>

Silmara Lúcia Marton<sup>2</sup>

### Resumo

Neste artigo, primeiramente apresentamos uma breve síntese do curso de extensão “Retórica, Discurso e Verdade: suas implicações na formação docente” (2019) que foi organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Educação (DEVIR) do Instituto de Educação de Angra dos Reis da UFF. Entre os conteúdos temáticos estudados no curso, escolhemos destacar nesse artigo a importância política e histórica dos sofistas na democracia e para os estudos da Retórica, algumas relações entre sofística e verdade na filosofia platônica, atravessando as contribuições da retórica aristotélica e da oratória de Cícero, tendo por referência principal os estudos de Marilena Chauí. Por fim, na terceira parte do artigo, apresentamos alguns dos desdobramentos dessas contribuições sobre a retórica antiga para pensarmos alguns significados do ofício do professor em sala de aula hoje.

**Palavras-chave:** Retórica – Sofística – Verdade – Oratória – Ofício do professor

### FROM ANCIENT RHETORIC TO NOWADAYS PROFESSOR ARTIFICE IN THE CLASSROOM: POSSIBLE CONNECTIONS

#### Abstract

In this paper, we first present a summary of the extension course “Rhetoric, Discourse and Truth: its implications for teacher training” (2019), which was organized by the Study and Research Group on Philosophy and Education (DEVIR) of the Institute of Education of the Fluminense Federal University of Rio de Janeiro at the city of Angra dos Reis, Brazil. Among the thematic contents studied in the course, we chose to highlight in this discipline the political and historical importance of sophists in democracy and for the studies of Rhetoric, some relations between sophistry and truth in Platonic philosophy, crossing the contributions of Aristotelian rhetoric and Cicero's oratory, having as the main reference studies of Marilena Chauí. Finally, in the third part of the article, we present some of the developments of these contributions on ancient rhetoric to think about some meanings of the teacher's profession in the classroom today.

**Keywords:** Rhetoric - Sophistry - Truth - Oratory – Teaching profession

### DE LA ANTIGUA RETÓRICA AL OFICIO DEL MAESTRO EM EL AULA HOY: POSIBLES RELACIONES

#### Resumen

En este artículo, primero presentamos un breve resumen del curso de extensión “Retórica, discurso y verdad: sus implicaciones para la formación del profesorado” (2019), que fue organizado por el Grupo de Estudio e Investigación en Filosofía y Educación (DEVIR) del Instituto de Educación de Angra dos Reis de la UFF. Entre los contenidos temáticos estudiados en el curso, se optó por destacar en este artículo la importancia política e histórica de los sofistas en la democracia y para los estudios de la Retórica, algunas relaciones entre sofistería y verdad en la filosofía platónica, cruzando los aportes de la retórica aristotélica y la oratoria de Cicerón, teniendo como principal referencia los estudios de Marilena Chauí. Finalmente, en la tercera parte del artículo, presentamos algunos de los desarrollos de estos aportes sobre la retórica antigua para reflexionar sobre algunos significados del oficio del maestro en la sala de aula hoy.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 22/03/2021. Avaliação em 21/04/202. Aprovado em 26/05/2021. Publicado em 26/07/2021.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora de Filosofia da Educação do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Educação (DEVIR) do IEAR-UFF. E-mail: silmaramarton@id.uff.br

**Palabras clave:** Retórica – Sofistería – Verdad – Oratorio – El oficio del maestro

O curso de extensão “Retórica, Discurso e Verdade: suas implicações na formação docente” foi realizado no ano de 2019 por iniciativa de professores do curso de Pedagogia que integram o Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Educação (DEVIR) do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense (IEAR-UFF). Num cenário extremamente difícil de ataques de forças neoliberais e conservadoras contra as instituições escolares e universitárias públicas brasileiras, forças essas comprometidas com o avanço da lógica privatista da educação, portanto, como negócio, e alinhadas a um projeto de destruição de direitos sociais, políticos e humanos, fazia-se necessário reagir e insistir no sentido de preservar, afirmar e assegurar com mais ainda assertividade o espaço acadêmico como tempo/lugar do estudo e da leitura privilegiada, cuidadosa, sensível, crítica e com rigor acerca da complexidade do real com desdobramentos para se pensar e pensar melhor coletivamente aquilo que nos atravessava a todos. O curso foi parte desse caminho.

Nosso público-alvo foram os alunos em formação dos cursos de licenciatura em Geografia e Pedagogia e do bacharelado em Políticas Públicas do Instituto de Educação de Angra dos Reis, assim como professores da rede de ensino da região. Tínhamos como um dos objetivos maiores produzir uma problematização dos discursos que estavam a se difundir no espaço escolar e de modo mais abrangente na sociedade em articulação com o conhecimento científico que atravessa a prática docente.

Identificamos assim que, para atender a essa necessidade, os estudos sobre Retórica desde a Antiguidade na história do pensamento filosófico ocidental poderiam trazer grandes contribuições para que compreendêssemos a linguagem discursiva e o seu caráter persuasivo presente no cotidiano das sociedades contemporâneas, notadamente na política, assim como no meio educacional (MARTON e GOMES, 2019).

Em particular, mediante os estudos iniciais de Perelman (2016), identificamos na Retórica o seu grande valor teórico na medida em que exhibe alguns aspectos essenciais na construção e no desenvolvimento do conhecimento científico. Segundo esse autor, como bem demonstra o Prof. Renato José de Oliveira (2016), o ato da palavra é parte de nossas relações com o mundo e de uns com os outros e indispensável para realizar acordos, consensos e algum nível de compreensão mútua. Faz-se necessário utilizar-se, então, da razão

argumentativa de modo claro, convincente e persuasivo (PERELMAN apud OLIVEIRA, 2016).

A Retórica pode colaborar de modo significativo no contexto educacional e na relação que se trava entre sujeitos que ensinam, aprendem e educam e com o próprio conhecimento, tornando-se mais capazes de construir diálogos, elaborar e comunicar pensamentos entre si fazendo uso mais eficaz de suas palavras.

Seria possível igualmente propiciar entre os professores no próprio processo do curso de extensão previsto a criação de conexões entre ciência e outras formas de conhecimento, inclusive aquelas que se costuma chamar de “senso comum”. Daríamos início a um debate sobre a relação entre discurso, verdade e pós-verdade; ao exercício do pensamento sobre os usos dos meios de comunicação para a produção do conhecimento, das opiniões e visões de mundo, problematizando aspectos explícitos e, principalmente implícitos, não declarados, dos discursos. Esperávamos também introduzir algumas técnicas de retórica relevantes para a formação docente.

Em nossos estudos de 2019 contávamos com a informação de que 70% da população brasileira se mantinha conectada às redes sociais em torno de três horas e meia do seu dia, sendo que grande parte dessa população era jovem (MARTON e GOMES, 2019). Víamos no curso de extensão a perspectiva de oferecer a oportunidade entre os alunos extensionistas de estabelecerem uma relação mais crítica e equilibrada com o uso das novas mídias e, no tocante aos alunos que eram professores da rede escolar, suscitar entre os mesmos algumas reflexões sobre o ofício do professor, seus significados diante de um cenário contemporâneo em que os seus alunos mais jovens faziam bastante uso de outros meios que não aqueles que se fazem mais presentes na materialidade e cotidiano da escola para a obtenção de informações e para construir os seus aprendizados.

O curso de extensão iniciou em maio/2019 e foi concluído em dezembro do mesmo ano, contando com a frequência regular de 25 alunos, sendo a maioria deles constituída por professores e professoras da rede municipal de ensino de Angra dos Reis. Foram realizadas 10 (dez) aulas de 4 (quatro) horas, sempre aos sábados, com intervalos de 20 a 30 minutos. Os temas trabalhados nessa sequência foram: “Sofística e Verdade na Filosofia Platônica”; “As Origens da Retórica em Aristóteles”; “A Oratória na Formação Política entre os Romanos: contribuições de Cícero”; “Retórica e Política: um panorama da relação entre discurso e poder”; “As Contribuições de Roland Barthes para pensar Retórica e Discurso”; “Técnicas de Retórica entre Intelectuais e o Mundo”; “A Retórica de Chaïm Perelman e suas contribuições

para a Educação”; “Literatura e Verdade: o real como escritura”; e, “Discurso e Política com Jacques Derrida e Ernesto Laclau: notas introdutórias”.

Ministramos seis aulas do curso e para as demais aulas relativas aos temas da Retórica e Política, e de pensadores como Jacques Derrida, Ernesto Laclau e Chaïm Perelman, contamos, respectivamente, com a participação dos professores convidados internos André Luiz de Jesus Rodrigues e William de Góes Ribeiro e o professor convidado externo Renato José de Oliveira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introduzimos o curso apresentando as vertentes históricas e filosóficas da tradição dos estudos da Retórica, avançando para as correntes contemporâneas que procuram interpretar os aspectos persuasivos presentes nos diversos meios de difusão de mensagens. Para tal, transitamos da leitura sobre as origens da Retórica com os sofistas e de autores clássicos da Antiguidade, como Platão e Aristóteles, passando por Cícero, entre os romanos, e pensadores dos séculos XX e XXI, como Barthes, Perelman e Derrida.

Esse curso de extensão foi uma oportunidade muito fecunda para o conhecimento do que se vem produzindo no pensamento filosófico ocidental acerca da Retórica, de maneira que, de modo mais direcionado, esse conteúdo ultrapassou em alguma medida o que se ensina em disciplinas dos cursos de graduação na área de Humanas e, em particular, no Instituto de Educação de Angra dos Reis. É sabido que nem mesmo em outros cursos na mesma área pouco se estuda sobre Retórica.

O curso cumpriu uma função de ação extensionista contemplando desafios de professores da rede de ensino da região e público em geral imersos na problemática da relação entre o conhecimento escolar, os discursos científicos e não científicos, verdades e não-verdades e de que modo aparecem ou não nas redes sociais e na mídia em geral.

No tocante às investigações sobre Filosofia e Educação, percebemos a importância crescente de escutar os desafios postos aos professores no mundo contemporâneo e, entre os quais, está o trabalho de destrinchar as várias compreensões que se tem acerca do que seja verdade, as várias formas de discursos e linguagens e o modo com que as diversas estratégias de comunicação afetam o sentir e o pensar o mundo, exigindo do professor uma formação mais crítica, atenta e qualificada.

Para esse artigo, iremos apresentar as características da sofística, que foi a primeira expressão do exercício da Retórica no Ocidente e cuja importância é fundamental no exercício da palavra no início da democracia no mundo grego. Veremos que a dialética dos sofistas será distinta da dialética desenvolvida por Platão. Apresentaremos assim, em outra direção, a visão

platônica acerca da sofística e verdade e, em seguida, apontaremos algumas contribuições filosóficas de parte da retórica aristotélica e da oratória de Cícero. Por fim, desdobramentos dessas contribuições sobre a retórica antiga permitirão pensarmos alguns significados do ofício do professor em sala de aula hoje.

### **A Emergência da Retórica entre os Sofistas e sua Função Política**

O sofista é, inicialmente, todo aquele que é excelente numa arte ou técnica da qual se vale para se tornar hábil, sensato e prudente. A partir do século V a.C., o sofista irá significar o mestre da filosofia e da eloquência. Para Platão, esse personagem é designado de forma bastante pejorativa, pois associado a astúcia e modo engenhoso de enganar os outros com suas palavras. De outra parte, a sofística do século V a.C. é resultado de uma série de esforços para satisfazer as necessidades da “pólis” e da qual os cidadãos poderão participar com seus negócios, na administração da cidade, nos tribunais, fazendo uso da palavra. Tem uma função política extremamente marcante. Numa nova perspectiva humanística e antropológica guiada pelo contexto social, político e econômico de emergência da democracia ateniense, Sócrates e os sofistas compartilhavam do mesmo interesse de natureza ética e política que era assegurar a isegoria e a isonomia que caracterizam a democracia sem fazer uso da força, mas sim da palavra orientada pela razão argumentativa. Os sofistas serão os mestres em falar bem e para convencer os demais, além de se constituírem em técnicos e professores do ensino na época.

Há pouco conhecimento sobre os sofistas. Sabe-se que entre eles tivemos Hípias de Elis, Licofron, Pródicos e Trasímaco, menos conhecidos e, recolhemos da tradição escrita fragmentos de outros dois mais conhecidos que foram Protágoras de Abdera e Górgias de Leontini. Suas origens se deram nas colônias gregas da Jônia e da Magna Grécia. Essa procedência, como ressalta Chauí (1994), tem grande relevância porque mostra que os sofistas detinham conhecimentos dos debates dos pré-socráticos sobre noções do Ser e do Dever, do Uno e do Múltiplo que fizeram parte do início da filosofia ocidental. Além disso, os sofistas oriundos da Jônia tiveram muito contato com outros povos e culturas tornando assim possível o nascimento da história. O caráter cosmopolita dos sofistas influenciou sua maneira de considerar as leis, ideias e costumes gregos não de modo absoluto, compreendendo que leis são “nomós”, portanto, convenções que são criadas conforme a diversidade dos povos e culturas. Também os sofistas advinham de regiões onde a medicina fôra desenvolvida levando a uma conduta de seleção das dietas alimentares mais adequadas e na direção da não separação entre o que é da ordem do corpo daquilo que é relativo ao espírito. Os sofistas

conheciam a dialética de Heráclito, a lógica de Parmênides e a retórica de Empédocles e transformaram essas formas de teorizar o mundo em linguagem e, mais precisamente, em técnicas de oratória no contexto ateniense.

No que diz respeito à educação, os sofistas ensinavam em seminários e aulas particulares para jovens e pequenos grupos de adultos. Admirados pelos democratas, pois detinham de um bom e amplo acervo cultural acumulado e que merecia ser transmitido. Do ponto de vista do seu pensamento, ainda que de forma muito distinta do que Platão considerava a dialética, os sofistas criaram entre os jovens uma atmosfera de gosto pela disputa entre pontos de vista diferentes e pela retórica, semeando dúvidas, em contrapartida, sobre o valor da Filosofia como caminho para se chegar ao conhecimento da essência das coisas. Além disso, uma vez que consideravam que tudo é da ordem da convenção, naturalmente se opunham a ideia de poder absoluto atrelado à natureza e/ou a alguma tradição política, religiosa e até intelectual. Tudo que é da ordem da moral, da política, da religião, do Estado, das raças, da igualdade e desigualdade é não determinado e permanente, mas construído e por convenção. Sendo assim, tudo pode ser aprendido e ensinado, inclusive nossas virtudes. Por isso que para os sofistas, a retórica terá um papel extremamente importante na medida em que se trata de uma arte que oferece argumentos e definições para as coisas que não são tomadas nelas mesmas, mas conforme o que nos parece e nossas necessidades. A razão argumentativa se desenvolverá segundo o critério daquilo que for útil de ser discutido. Desse modo, a dialética serve para se confrontar opiniões contrárias. Será uma arte da discussão.

Vemos que os sofistas desempenharam um papel extremamente decisivo e atuante no universo democrático que seria muito injusto admitir apenas a leitura dos mesmos advinda do comediante Aristófanes e, em especial, de Platão e Aristóteles, que eram críticos bem severos dos sofistas associando-os a demagogos da democracia. Por outro lado, é preciso considerar que há uma linha tênue entre ilusão e opinião que pode comprometer o exercício da razão tendo por horizonte a verdade.

### **Sofística e Verdade na Filosofia Platônica**

A teoria do conhecimento de Platão é fundada numa metafísica que subordina a nossa razão e o sentido da existência humana a esse princípio. Sua metafísica caracterizada pela dualidade entre o inteligível e o sensível fundamenta uma teoria do conhecimento que opõe

imagem e ideia, opinião e verdade. É, segundo Platão, pelo exercício da busca da verdade instrumentalizada pela dialética que se dá a Filosofia, a qual seria oposta à sofística. Há muitas concepções de verdade na tradição da história da filosofia e, entre as quais, a concepção grega “*aletheia*”.

Em grego, verdade se diz *aletheia*, significando: não-oculto, não-escondido, não dissimulado. O verdadeiro é o que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito; a verdade é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. O verdadeiro se opõe ao falso, *pseudos*, que é o encoberto, o escondido, o dissimulado, o que parece ser e não é como parece. O verdadeiro é o evidente ou o plenamente visível para a razão. Assim, a verdade é uma qualidade das próprias coisas e o verdadeiro está nas próprias coisas. Conhecer é ver e dizer a verdade que está na própria realidade e, portanto, a verdade depende de que a realidade se manifeste, enquanto a falsidade depende de que ela se esconda ou se dissimule em aparências. (CHAUÍ, 2000, p. 123)

Segundo Heidegger (CHAUÍ, 1994), Platão teria inventado a verdade para adequar o intelecto às coisas, destruindo a “*aletheia*” dos gregos que é o próprio Ser que se manifesta em si e por si mesmo, apelando aos nossos sentidos e pensamentos. “Transformou a verdade numa atividade de nossa razão, numa qualidade ou propriedade de nossas ideias e não do próprio real” (CHAUÍ, 1994, p. 171). Desse modo, Platão tomou a verdade de modo reduzido ao adequá-la a uma representação, ou seja, a uma reprodução do nosso intelecto. No entanto, foi Platão um ser humano do seu tempo que, indignado com as injustiças cometidas contra o seu mestre Sócrates, desenvolveu esse grande acontecimento cultural que foi a filosofia sob determinados critérios racionais que se tornaram extremamente importantes não somente em seu tempo como para a posteridade, depurando com radicalidade relações entre essência e aparência, verdade e opinião, permanência e mudança.

Em Platão, especialmente no seu diálogo “*Górgias*” (1989), vemos traçada uma interpretação acerca dos perigos oriundos do domínio da Retórica e uma oposição clara entre sofística e verdade. De um lado, o uso da palavra pelos professores da Retórica com nenhum compromisso com a verdade conforme compreendida por Platão – expressão da permanência, universalidade e inteligibilidade do mundo por intermédio do esforço dialético para depuração das contradições. Para esse filósofo, a verdade é “o que é”, o fundamento do mundo natural e humano, portanto, digna de ser buscada e para a qual deve se voltar toda filosofia, existência e racionalidade humana.

No percurso do diálogo, Cálicles, um rapaz aristocrata e de família abastada, é recebido por Górgias, esse um personagem que simboliza aquele que aspira vitórias nas batalhas políticas e para as quais a eloquência se faz imprescindível. Argumenta no decorrer

do diálogo que a Natureza mostra ser a justiça o que está do lado dos mais fortes. “Que o melhor mande no pior e que sobre ele prevaleça” (CHAUI, 1994, p. 180). As leis, assim, são feitas pelos mais fracos para dominar os fortes.

As leis são técnicas sociais de inversão da hierarquia de poder estabelecida pela Natureza. São elas que transgridem e violentam o natural. Por isso, violar as leis é menos injusto do que respeitá-las, e os filósofos, ignorantes desta verdade elementar e inexperientes nas coisas da vida, tornam-se ridículos quando intervêm nos negócios públicos, porque ‘não têm noção das leis, nem da linguagem pública’. (CHAUI, 1994, p. 180 e 181).

Assim, o sofista compreende a justiça como ato de violência, porém, deixará de ser violento se se manifestar pelo poder do mais forte. Cálicles defende que a lei é uma invenção do mais fraco e, ao mesmo tempo, Trasímaco, outro sofista, diz que a lei é a lei do mais forte. Confundem assim, continua Chauí (1994), a desconhecer o que é a justiça, associando à violência, usando argumentos opostos de modo persuasivo, pela retórica.

Platão, de outra parte, afirma que a retórica não é nem uma arte (técnica), muito menos ciência. Porém, é uma habilidade associada ao prazer. Assim como ocorre com a culinária que chama à satisfação do nosso apetite, a retórica nos causa prazer, nos agrada quando ouvimos. O retórico “convence seus ouvintes pela sedução e não pelo raciocínio, não avalia os males que pode causar na alma dos que o escutam, despertando e alimentando paixões, sem qualquer preocupação com a verdade e a justiça”. (CHAUI, 1994, p. 181). O que Platão está a dizer é que aquilo que parece ser bom e belo aos ouvintes, na perspectiva do orador, está no nível do verossímil, mas não do verdadeiro. Num jogo de aparências e opiniões que se seguem umas às outras, os interlocutores vão se afastando progressivamente da verdade (CHAUI, 1994).

A linguagem do sofista é como um remédio, uma droga (o “*phármakon*”, isto é, a poção mágica, o remédio, veneno, cosmético, a máscara). É como aquilo que é utilizado por curandeiros, magos, médicos nos seus sentidos diversos: o encantamento (pela poção mágica), a cura (pelo remédio), a poção mortífera (pelo veneno), o enfeite (pelo cosmético) e a aparência apenas (pela máscara). O retórico seduz ao mentir – veneno; cura doenças – se a linguagem for utilizada na dosagem certa; chama nossos prazeres, nos seduz. “A retórica é a imitação venenosa da verdadeira arte e ciência da linguagem: a dialética. O sofista é um perito em imitações, aparências e simulacros. O filósofo, um perito da dialética”. (CHAUI, 1994, p. 182)



A função da dialética, que se dá no enfrentamento de suas opiniões, dizeres, paixões, é fazer com que um dos interlocutores tenha a compreensão de que essa forma de enfrentamento não encontra uma saída, senão ao parecer que o mais hábil e mais forte é o vitorioso. A dialética, em contrapartida, não deveria servir para essa vitória, e sim para que os interlocutores percebam que, ao dizerem, identificam o vazio e, em seguida, possam deixar o “acho que”, as falas com opiniões subjetivas e a buscarem “o que é”. O falso é justamente “dizer daquilo que é o que não é” (CHAUÍ, 1994, idem). O que Platão está mostrando é que buscar a essência de algo é buscar a sua verdade, dizendo aquilo que é o que ele é. “Da violência e injustiça da contenda dos argumentos de opinião passa-se à concórdia do pensamento, pois a verdade é una, a mesma para todos”. (CHAUÍ, 1994, idem)

No percurso do diálogo, há determinado momento em que Cálicles se irrita com Sócrates porque esse, de modo dialético, produz as contradições a fim de que o primeiro reconheça a própria ignorância e se coloque disposto a buscar a verdade. Trasímaco, por sua vez, intervém defendendo sua opinião e entende que as perguntas de Sócrates são feitas para demonstrar astúcia, e não um exercício do pensar em direção a encontrar a verdade.

Chauí (1994) destaca que, no percurso do diálogo, os sofistas expõem seus sentimentos, paixões, expondo o aspecto violento da linguagem. Expressões como “arder”, “saltar como uma fera” aparecem no texto. Além disso, a filosofia aparece como sinal de fraqueza, inútil, não valorizando o prazer, as sensações como princípios da vida. Afirmam os sofistas que na política, prevalece o direito natural da tirania, pois de acordo com a Natureza. Por essa razão, defendem a retórica como um recurso de astúcia necessário que se oferece como a “paideia” do povo para resistir ao poder do tirano e como adulação recíproca. Trasímaco e Cálicles, ao abandonar o diálogo, mostram que não percebem a necessidade de se perguntarem sobre “o que é o homem justo”, a qual depende de se perguntar “o que é a virtude”, e de onde devem partir para responder à pergunta “o que é a justiça”. Então, a violência praticada por eles também é de natureza ética. Assim, a filosofia se dedica a esse “o que é”, portanto, implica numa teoria do conhecimento.

A teoria do conhecimento de Platão de base metafísica e que sustenta uma concepção de verdade serve de critério máximo à busca do conhecimento, à nossa vida moral, ética e política. De outra parte, a sofística representaria um afastamento da verdade.

Cabe, entretanto, mencionar as possibilidades de leitura da obra platônica que permitem compreender o drama que circunscreveu a sua escritura na forma dos diálogos. Nesse sentido, a contribuição do filósofo José Américo Motta Pessanha, expressa em sua

última palestra proferida na PUC-Rio, em 1991, e que foi transcrita sob o título “Platão: O Teatro das Ideias” (1997), acerca do diálogo platônico, especialmente os socráticos, nos remete à sua capacidade dramática que envolve o leitor de modo que este, mesmo coadjuvante, participa do cenário experimentando sensações como se ali estivesse presente.

Vale acrescentar o fato de que Pessanha (1997) nos conduz a acessar uma outra dimensão da filosofia platônica: a crítica à determinada arte que “procura ganhar cada vez mais o público facilitando sua apreensão da própria arte, porque reduzindo essa apreensão à imediatez da apreensão sensível” (PESSANHA, 1997, p. 19). Ainda que Platão faça crítica a certo uso da palavra praticada por seus contemporâneos—poetas, sofistas políticos—o faz em “prosa poética”. Em “Protágoras”, por exemplo, mostra inicialmente o confronto entre duas teses opostas que, no calor da conversa, ao final, cede a uma inversão de doutrinas de seus personagens. Segundo Pessanha (1997), o diálogo nos permite ir além do combate entre retórica, de um lado, e *episteme* do outro, na forma de uma “coreografia de ideias”.

Afinal, quem é quem aqui? Quem é o defensor dessa posição, quem é o defensor da outra? Quem é aquele que dialoga e aquele que comenta poetas? Quem é o retórico? Serão os dois retóricos, só que um assumido e o outro não? Será que Sócrates é tão grande que, para conseguir maiores efeitos sobre seu auditório, zomba da própria retórica? (PLATÃO apud PESSANHA, 1997, p. 21)

Na mesma linha argumentativa de Chaim Perelman para o qual a retórica se alinha ao fazer científico, Pessanha (1997) faz uma observação extremamente interessante: a de que afirmar que não se está fazendo retórica é uma maneira de afirmá-la e torná-la eficiente, quando se está no caminho da verdade por meio da ciência, pois há, desse modo, muito mais condições de se atingir a aceitação do público.

## **A Retórica Aristotélica e a Oratória de Cícero**

Em Aristóteles, a retórica é uma arte que estuda os meios para persuadir. É útil porque nos capacita a nos defender verbalmente, para nos fazer ouvir por um auditório mais amplo. A retórica nos habilita a argumentar sobre questões contrárias e a sermos capazes de refutar argumentos contrários à justiça e no sentido de que a verdade prevaleça. Não é somente uma arte que nos permite compreender um discurso feito com persuasão, como a retórica é uma técnica para se fazer mais persuasivo. Grande parte das características que são dadas a retórica foram sistematizadas e muito estudadas por Aristóteles.

Segundo observa Manuel Alexandre Jr. na introdução de “Arte Retórica: Obras Completas”, de Aristóteles (2005), há na retórica entre os antigos uma dimensão ética que é muito valorizada.

Quando os antigos dizem que a retórica é a arte de bem falar, fazem-no na consciência de que, para se falar bem é necessário pensar bem, e de que o pensar bem pressupõe, não só ter ideias e tê-las lógica e esteticamente arrumadas, mas também ter um estilo de vida, um viver em conformidade com o que se crê. (ALEXANDRE JR., 2005, p. 25)

Há, pois, congruência entre o que se diz e o que se vive de modo que a palavra exhibe correspondência com o gesto. Poderíamos, inclusive, talvez depreender daí um primeiro sinal de sua eficácia perante o público.

Aristóteles dava imenso valor à retórica pois via nessa arte a forma de descobrir os meios possíveis de persuasão para vários argumentos, mas não a persuasão em si. A retórica reúne a arte de falar bem e de encontrar formas para persuadir a fim de convencer vários auditórios em função de dada opinião. No livro I (2005), Aristóteles afirma inicialmente na parte relativa à natureza da retórica o seguinte:

A retórica é a outra face da dialética, pois ambas se ocupam de coisas mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De fato, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma ou de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar. (ARISTÓTELES, 2005, p. 89)

Tanto a dialética platônica quanto a aristotélica são compreendidas como elementos primordiais à educação do filósofo. No entanto, para Aristóteles, a distinção entre sofística e retórica reside no fato de que, na segunda, não queremos persuadir, porém discernir os meios para convencer de forma pertinente a cada caso. Já o sofista, tanto na retórica como na dialética, é movido por intenção e não pelo conhecimento. Em contrapartida, o dialético age pela capacidade. Assim, de forma mais diferenciada em relação a Platão, não vê Aristóteles real diferença entre a retórica filosófica e a retórica sofística, porém o que poderá acontecer é o uso correto ou incorreto de suas regras e, por decorrência disso, haver bons e maus oradores.

As provas de persuasão inventadas pela retórica são aquelas que Aristóteles inclui numa determinada arte, a arte retórica, o que exige um método. A retórica se volta ao que parece verdade para pessoas de uma mesma condição, assim como na dialética, e não no que é provável para um indivíduo. Para Aristóteles, o ato de ensinar está na Filosofia e em outras ciências. À retórica cabe apenas encontrar meios para a persuasão estudando os procedimentos que os homens usam a partir de suas estruturas do pensamento. Por isso, a

retórica está relacionada com esse modo de operar a dialética. A retórica extrai conclusões de modo rápido a partir de premissas, razões mais simples, ou seja, desenvolvendo um raciocínio retórico chamado de entimema - um silogismo que deriva de premissas prováveis, partindo de convicções comuns, exemplos, levando a conclusões evidentes.

Aristóteles classificou os gêneros de discurso retórico em: deliberativo (político), judicial (forense) e epidíctico (demonstrativo). Estudou os aspectos de um discurso retórico: - *ethos*: diz respeito à credibilidade que o orador deve transmitir à audiência, podendo ser implícita ou explícita, que é dita no discurso; - *pathos*: diz respeito ao conteúdo emocional do texto que pode provocar compaixão, simpatia; e, - *logos*: a lógica do discurso e que diz respeito aos elementos argumentativos que o orador deve usar para dar sentido, encadeamento lógico ao seu texto. Esses elementos incluem números, fatos, estatísticas para afirmar a tese que se deseja defender. Há, por último, aspectos relativos às emoções e ao caráter implicados na retórica.

O grande orador romano Marco Túlio Cícero foi o responsável por aproveitar o que havia de essencial da retórica aristotélica, o qual trouxe, por sua vez, contribuições acerca da técnica da oratória grega para a constituição de um bom orador pelo uso da voz, da postura e da cultura. Saber fazer um discurso era fundamental no senado romano e, para tanto, era necessário formar os jovens na oratória para enfrentarem a vida política. Textos de arte e literatura produzidos por Cícero eram acompanhados de pensamento filosófico, saberes, ensinamentos, história, política, técnicas de redação e arte retórica. Por essa razão, são considerados os seus tratados de retórica os mais importantes na literatura latina acerca de técnicas de discurso e do ato de falar bem.

Em capítulo intitulado “*Cícero: a filosofia fala latim*” do livro “Introdução à História da Filosofia: as escolas helenísticas” (2010), Chauí enfatiza a importância histórica de Cícero, o qual não foi somente um orador, como advogado, filósofo, político e escritor que trouxe grandes contribuições à formação do pensamento político ocidental, mesmo que incluído na tradicional classificação hegeliana da história da filosofia apenas como um pensador de grande ecletismo e com contribuição restrita aos seus tratados sobre eloquência. Porém, suas contribuições são maiores. Foi o único entre os romanos a realizar uma reflexão filosófica acerca da política republicana, articulando ética e política pelo exercício da virtude, não mais tomando as leis como origem da natureza do regime político, mas na “pessoa do príncipe virtuoso”. Cícero defende a filosofia, tomando suas bases gregas de modo que introduzirá esse saber na língua latina. Fará vir à tona a necessidade do conhecimento filosófico entre os

romanos no sentido de se constituir como algo digno de ser buscado, o mais nobre e mais útil, se traduzindo em amor à sabedoria.

Em um dos capítulos do livro “Retóricas de Ontem e de Hoje” (2001) que se intitula “*Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos*”, de Lineide do Lago Salvador Mosca, professora da área de Filologia e Língua Portuguesa, a autora faz menção a importância de Cícero em mostrar a dupla implicação do pensamento na linguagem, pois o ato de aprender a se exprimir é, ao mesmo tempo, um ato de aprender a pensar.

De fato, abundância dos assuntos gera a abundância das palavras; e se existe nobreza nos assuntos de que se fala, surge da natureza do assunto certo esplendor natural das palavras (...). Assim, facilmente, na abundância dos assuntos, da própria natureza fluirão os ornamentos da oração, sem guia algum, desde que seja ela exercitada. (CÍCERO apud MOSCA, 2001, p. 28)

Cícero argumentava que os romanos não cuidavam muito da filosofia porque estavam mais preocupados com as questões da vida prática (CHAUÍ, 2010). Por essa razão, a importância de sua obra ao preencher essa lacuna. Cícero desenvolveu em seus escritos muitas considerações sobre a retórica a partir do aristotelismo, fazendo modificações adaptadas ao seu contexto cultural. Em sua juventude, aprendeu com os acadêmicos a argumentar, refutar e via a filosofia como fundamental à formação do orador, inclusive para falar de qualquer assunto.

Chauí (2010) destaca quatro aspectos nos escritos de Cícero que merecem ser aqui mencionados, pois reunidos expõem a potência de um pensamento e escritura filosófica, pela sua abertura à dúvida, ao diálogo, ao conhecimento do bem, à defesa da sabedoria aliada à vida pública e a um caminho de busca, de existência guiada pela ética. Os aspectos serão o seu ecletismo, seu caráter epistemológico, sua dimensão política e sua natureza ética.

No tocante ao primeiro aspecto – o “ecletismo”, que em geral é visto de forma pejorativa porque mistura caótica de opiniões divergentes e oriundas de várias origens, Cícero o exercita como “método”, conforme observado por Chauí, pois “seleciona e escolhe teses oriundas de sistemas diversos reunindo-as num todo novo e original” (CHAUÍ, 2010, p. 227). Faz isso selecionando o ponto de contradição e o ponto de concordância, identificando qual deles é superior e, em seguida, articulando com outra tese, também vista como melhor. Não toma a posição cética como suspensão de juízo, mas favorece com que se chegue ao provável, ao verossímil.

A dúvida é extremamente importante no pensamento e discurso de Cícero, porém, não extensa a tudo, mas como um dispositivo que dá vigor a busca filosófica. O dissenso é

assumido, é destacado para que, no percurso do discurso, se encaminhe para o consenso, na forma do diálogo. Para Cícero, o conhecimento somente avança porque há polêmica e disputa, conflito, discordâncias. Isso dá vigor e riqueza à filosofia.

Em “*Tusculanas*”, um diálogo entre Cícero e um jovem que aspira à filosofia, ele diz: “Defenda cada qual o que pensa, pois os juízos são livres. Nós manteremos nossa posição e, não constrangidos pelas leis de nenhuma escola particular a que forçosamente obedeceríamos, sempre buscaremos, em filosofia, o que, em cada coisa, é o mais provável” (CÍCERO apud CHAUI, 2010, p. 228 – grifos nossos). Vemos que é uma maneira de oxigenar o próprio exercício do pensamento filosófico de modo que não conduza a algum dogmatismo.

O segundo aspecto mencionado por Chauí (2010) é o “epistemológico”, quando em “*Acadêmicos*” Cícero reafirma o princípio, critério e ponto de partida para alguém ser sábio e virtuoso: é preciso reconhecer o conhecimento do bem. Os nossos sentidos e a experiência, mesmo que não sejam esses critérios absolutos, mas prováveis, norteiam nossa existência, nossa vida. Cícero concilia vários elementos do pensamento clássico e helenístico; platônicos, aristotélicos e estoicos à sua própria postura intelectual. Cícero reafirma a tese de que a verdade existe, mas não é possível de ser apreendida. No entanto, sustenta que, para se considerar algo como provável, não é preciso conferir se está certo ou não, bastando apenas ter do mesmo alguma impressão. Ao orador cabe equilibrar bons costumes e aquilo que é verossímil.

Por essa razão também, tanto o caráter do orador quanto o conteúdo do seu discurso precisam ser regulados por um “*decorum*”, ou seja, “conforme os bons costumes e a conveniência entre o preceito e a representação verossímil do que deve ser” (CHAUI, 2010, p. 229).

O decoro seria uma expressão da racionalidade humana. Ao lado desse critério, está o senso comum, o qual deve ser compreendido como um consenso universal para todos os seres humanos, parte do nosso conhecimento e que merece ser valorizado. Trata-se o senso comum, como pensavam os estoicos, de uma pré-noção inata universal. São, como dizia Cícero, “sementes de virtude” que nós possuímos porque a nossa própria natureza nos permite isso. A perda dessas primeiras verdades se dá pela corrupção de costumes e pelas falsas opiniões que nos desviam do caminho do bem. Mas, a filosofia pode nos devolver o reencontro com nossa própria natureza que coincide com uma razão que regula universalmente todo o cosmo.

No tocante ao aspecto “político”, Cícero também trará muitas contribuições. Afirmará que os homens são, naturalmente, animais sociais e que, por reconhecimento dessa

interdependência, instintivamente se associam politicamente ou à sociedade civil. A sabedoria combina com a vida pública e a virtude determina o amor à pátria. Em especial, Chauí (2010) enfatiza o modo de Cícero avaliar os regimes políticos utilizando-se do critério da liberdade que, segundo ele, seria mais apropriada num regime misto, decorrente do que há de melhor nos regimes simples, evitando a guerra civil.

Por que a liberdade dos cidadãos é o critério? Porque sua ausência dá origem às facções e, estas, às sedições, que destroem o Estado. Ausência da liberdade significa ameaça contínua de guerra civil e fim da *civitas*. Presença da liberdade significa concórdia, paz, ordem e estabilidade, ou, nas palavras de Cipião, a eternidade da *civitas*. (CHAUÍ, 2010, p. 232)

E, por fim, Chauí (2010) destaca o quarto aspecto da escritura de Cícero – “ético”. Tendo como referência principal o estoico Panécio, Cícero defenderá que a decisão moral deva ser sempre tomada tendo como critério a distinção entre ser e não ser honesto, o útil para si e para os outros e, por fim, a concordância entre o honesto e o útil. Nossa tendência natural é para a autoconservação acrescida de nossa razão, a qual nos permite ter uma visão do fluxo da vida, do tempo e do que é necessário para continuar a viver. A natureza nos permite viver em aproximação uns com os outros e para uma vida em comum. Também segundo a natureza, tendemos a procurar a verdade para a felicidade, pois é de acordo com o que é justo. A percepção da beleza faz com que esse belo também origine em nós ações boas, porque belas.

Para Cícero, é preciso que a honestidade seja o critério que irá orientar a busca do conhecimento, evitando precipitações em nossas afirmações e em investigar coisas desnecessárias. O estudo somente deve nos servir para orientar resoluções honestas sobre coisas que digam respeito à felicidade de cada um e de todos. O senso de justiça deve se guiar pela generosidade. O que temos se deve aos nossos antepassados, à nossa pátria e amigos. A força do caráter se mede na fidelidade à boa-fé. É fiel o que é firme e tem veracidade nas palavras e atos. A reta razão leva à reta ação, sinônimo de honestidade.

Uma contribuição importante também de Cícero é a distinção que faz entre o honesto e o útil, sendo o segundo aquilo que auxilia na autoconservação e conservação dos laços com os outros homens; portanto, de acordo com a natureza, os deuses e os seres humanos. Ser virtuoso é, então, conhecer a natureza das coisas, os acasos, dominar as paixões e promover a convivência de uns com os outros segundo a justiça e a humanidade, comum a todos nós. E o sofrimento? Como lidar?

Para Cícero, nossa existência é marcada por dissoluções, pois nada dura. Velhice e luto são inexoráveis. Porém, podemos compreendê-las para que não nos abandonemos no

sofrimento. E a Filosofia nos ajuda muito nesse sentido, pois nos consola. Podemos tirar ensinamentos das dores e sofrimentos que nos afetam. Compreendemos que é o que acompanha toda condição humana. Podemos decidir se aderimos ou não ao sofrimento, ou seja, não insistir na tristeza, mudar nossa vontade. Mas, como dominar as paixões?

Nas “*Tusculanas*”, diálogo entre Cícero e um jovem que aspira à Filosofia, aparecem indagações sobre a morte, a dor e a paixão. As respostas de Cícero: o sábio não teme a dor, não teme a morte e nem a aflição. Portanto, está isento de perturbações, sabendo que a virtude basta para uma vida feliz, conforme a visão estoica. Porém, não há o sábio perfeito. Sobre a mortalidade ou imortalidade da alma, Cícero concorda com Platão neste sentido, entretanto, mesmo se se pensasse como Panécio (“se nasce, morre”), ainda assim a morte não é motivo para medo, pois nos foi dada pelos deuses.

A respeito dos males do corpo e da alma, certamente, são os males da alma os maiores, no entanto, não exigem de outros para que sejam combatidos como no caso dos males do corpo. Ou seja, a saúde da alma precisa apenas de si mesma para se curar. O que causa a perturbação da alma? É a opinião equivocada acerca do que é o bom e do que é o mau. Qual o remédio e cura? O conhecimento da verdadeira natureza do bem e do mal e a prática da virtude.

Mas, o sábio não sofre? O sábio acresce ao apetite e ao desejo uma “arte refletida” - a vontade. A filosofia nos liberta do medo da morte, da dor e do sofrimento, e da perversão do desejo. O aspirante pergunta a Cícero se a virtude nos garante a felicidade, ao que o orador responde com um recurso: invocando a filosofia, pois nela o ser humano pode, conforme a razão, experimentar sua plenitude na busca da virtude. É a própria felicidade. Mas isso depende de cada um de nós no desafio de compreendermos igualmente a natureza das coisas e a natureza de nós mesmos.

Depreendemos daqui que, para Cícero, o bom orador deva reunir em si então a busca da sabedoria, portanto, saber desenvolver com clareza os conceitos a ponto de demonstrar convicção em suas palavras; ser guiado pela ética, a qual se realiza por sua coerência entre ação, palavra e seus sentimentos; precisa saber ponderar o uso das emoções e em conformidade com o conteúdo tratado; e, apresentar um determinado modo de desenvolver sua oratória que sensibilize o público por sua beleza. Nesse último sentido, as metáforas serão valorizadas na oratória de Cícero.



*A porta da verdade estava aberta,  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.  
Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só trazia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os dois meios perfis não coincidiam.  
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram a um lugar luminoso  
onde a verdade esplendia seus fogos.  
Era dividida em duas metades,  
diferentes uma da outra.  
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
As duas eram totalmente belas.  
Mas carecia optar. Cada um optou conforme  
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

(Carlos Drummond de Andrade)

O professor vem sofrendo imensos ataques na política educacional neoliberal. Qualquer que seja a sua prática docente e perspectivas teóricas que assume para nortear seus caminhos metodológicos em sala de aula, tem sido objeto de calúnia e crítica por parte daqueles que desmoralizam o papel da escola e da universidade públicas e dos profissionais da educação em favor da intensificação do ideário neoliberal, este caracterizado pelo aprofundamento da desigualdade social, pela retirada de direitos sociais e trabalhistas, desinformação, pelo negacionismo, pela criação de notícias falsas (*fake news*) em mídias sociais, principalmente essas utilizadas para confundir decisões eleitorais, só para citar algumas de suas formas de atuar.

Nesse sentido, designações criadas por grupos de direita ultraconservadora e aliados ao atual governo que são direcionadas aos professores como “doutrinadores”, “ativistas de esquerda”, “comunistas”, entre outras, servem para esconder o fato de que são sim os seus agentes que esperam fazer da escola pública um lugar de privação de liberdade de pensamento pela doutrinação e aparente neutralidade, de continuidade e não ruptura com a lógica capitalista. Na verdade, sabem que a educação pode alterar a percepção de mundo das pessoas de modo que se tornem elas mais conscientes de suas possibilidades de existência, passem a confrontar as informações recebidas por intermédio dos meios de comunicação habituais com o conhecimento científico e filosófico transmitido e socializado, seja no ambiente escolar

como universitário. Ao realizarem esse confronto, estudantes vão modificando suas leituras de mundo.

Durante a realização do curso de extensão “Retórica, Discurso e Verdade: suas implicações na formação docente” (2019), pudemos aquilatar o grau de tensão que foi compartilhado pelos professores da rede pública de ensino da região angrense diante da dificuldade de se fazerem ouvir em sala de aula, dada a avalanche de discursos equivocados e negacionistas provenientes da sociedade em geral. Em decorrência disso, expunham eles a necessidade urgente de encontrar mais elementos discursivos e estratégias, técnicas ou quaisquer outros dispositivos oriundos da universidade para lidar com tais desafios.

Em tempos contemporâneos nos quais se ampliam as possibilidades tecnológicas digitais de busca de informações, parece razoável aceitar que tal acesso possa garantir a todos a emissão de opiniões acerca do que é falso ou verdadeiro, certo ou errado, bom ou mau. Inclusive, na mesma direção, dissemina-se como algo plausível que crianças e jovens possam se tornar autodidatas, acessando simplesmente plataformas digitais através de seus celulares. Basta “aprender para aprender”.

Já desde o século XX, enfatizam Masschelein e Simons (2019), a escola tem sofrido ataques acerca da sua razão de existir. “Mas, na época de hoje, de aprendizagem permanente e ambientes (eletrônicos) de aprendizagem, talvez se esteja permitindo que a escola tenha uma morte tranquila” (MASSCHELEIN e SIMONS, 2019, p. 10). Em seu livro “Em Defesa da Escola: uma questão pública” (2019), os mesmos autores argumentam que a escola pode suspender o modo de cada criança e jovem se relacionar com as coisas habitualmente, lhes oferecendo o “tempo livre” do estudo e para o exercício do pensamento. Recolhem da tradição grega a palavra “*skholé*”:

tempo livre para o estudo e a prática oferecida às pessoas que não tinham nenhum direito a ele de acordo com a ordem arcaica vigente na época. A escola era, portanto, uma fonte de conhecimento e experiência disponibilizada como um “bem comum”. (MASSCHELEIN e SIMONS, 2019, p. 9)

No entanto, o que vinga atualmente em termos de discursos mais disseminados no âmbito da vida ordinária parece ser muito distante dessa ideia, excluindo algo que é da natureza da escola: pensar em torno do “bem comum”. Conforme argumentam Masschelein e Simons (2019), ali na escola não somente se materializa o “tempo livre” dedicado ao estudo e exercício, mas os conhecimentos e práticas públicos são expostos a todos, “postos sobre a

mesa”. Forma-se a possibilidade da disposição de cada um para se tornar e manter-se atento a tudo que o mundo oferece e não oferece.

Nesse sistema neoliberal, a velocidade com que são veiculadas as informações de modo geral e que contaminam as nossas existências, tem ocorrido de maneira vertiginosa. Essa situação dificulta muito que no tempo ordinário que rege, em grande parte, o nosso cotidiano experimentemos aspectos poéticos, profundos, introspectivos e reflexivos de nossa condição humana.

Masschelein e Simons (2019) continuam alguns argumentos fundamentais em favor da defesa da escola que merecem ser aqui pontuados: 1) o ato mais importante que a escola faz é suspender a ordem desigual, dada como natural; 2) o tempo na escola não é produtivo, mas tornado livre, com certos dispositivos e formatos, como a sala de aula (a mesa, o quadro, entre outros), métodos e ferramentas diversas. O professor está situado numa posição de alguém que trabalha não em prol e no ritmo do mundo produtivo; 3) na escola, algo no mundo se torna acessível a todos e fica sujeito a novas significações; 4) é um local que, ao suspender e profanar, abre mundos; 5) a arquitetura escolar, os exercícios, os métodos geram interesse no modo como se apresentam; 6) na escola, a igualdade é o ponto de partida que considera que todos são capazes; 7) o professor é alguém que ama sua matéria, o seu tema, fazendo com que os alunos se façam “presença no presente”.

A sala de aula é, defendemos, tempo e espaço para escuta da matéria, do professor, do aluno e ambiente em que se opera uma provisória suspensão do mundo para se voltar a ele com crítica e desejo de vida e mudanças. O professor é um mediador necessário da busca do conhecimento por parte do aluno que pode conduzi-lo a fazer o seu próprio caminho atravessado pela verdade, no sentido de uma postura autêntica, crítica e sensível. O professor experimenta a sala de aula como um lugar que tem uma especificidade que não se encontra em nenhum outro lugar. Como diz o filósofo da educação Jorge Larrosa,

para o professor que sou, esse que começa a sentir-se sem lugar, é essencial a afirmação da sala de aula como um lugar para se ficar e se sustentar. Um lugar em que encontrar uma espécie de magia, para renovar uma espécie de pacto com o mundo, mas também certo sentido do dever e do fazer, e um tipo de dignidade. (...). E é que a sala de aula não é, não pode ser, não deve ser um lugar qualquer” (LARROSA, 2018, p. 333).

Sabendo que os sofistas, Platão, Aristóteles e Cícero produziram pensamento filosófico e constituíram suas biografias no interior da filosofia de forma semelhante sob alguns aspectos, e distinta em outros, no que tange ao papel da retórica, é possível identificar

elementos que nos parecem essenciais em sua totalidade que venham repercutir nas significações que cada professor pode encontrar em seu ofício na sala de aula no momento presente.

Assim como se valeram os sofistas de suas palavras mediante o seu repertório intelectual, filosófico e cultural vasto, para não somente transmitir conhecimentos e saberes aos mais novos, mas para propiciar um espaço de abertura para se relativizar o que estava posto como absoluto, o professor pode “colocar sobre a mesa” os diversos conhecimentos acumulados no interior de uma disciplina e, principalmente, as referências históricas e epistêmicas que lhes deram origem a fim de que estudantes compreendam que a construção do conhecimento científico é marcada por conflitos, avanços, consensos, rupturas, continuidades e descontinuidades, mas regida pelo critério de determinada racionalidade.

Por outro lado, ainda que diversas formas de conhecimento sejam legítimas, é preciso cuidar para que a emissão de opiniões em sala de aula não se constitua em mera repetição de dados e informações, uma troca de perguntas e respostas apenas para confirmar, de antemão, aquilo que se deseja preservar. Além disso, é necessário cuidar para que a transmissão de conhecimentos realizada pelo professor torne possível o silêncio, a pausa, algum vazio para nascer a dúvida e a pergunta que são imprescindíveis à criação do pensamento.

A esse respeito, há um texto escrito por Larrosa que se intitula “*Aprender de Oído*” (2000) no qual retrata o modo como vem se tornando a universidade: um lugar em que a linguagem tem se destituído da voz, reduzida à informação, comunicação e opinião. Larrosa (2000) destaca a presença de um cotidiano em sala de aula caracterizado pela dissociação entre corpos, saberes e linguagens. A própria universidade, observa, tem se pautado por uma prática de ensino guiada pela transmissibilidade que destrói o “logos”. Realizar esse exercício de autocrítica no interior da universidade não significa, no entanto, ceder a sua aniquilação como tem sido desejado pelas políticas neoliberais empreendidas nos últimos anos. Pelo contrário, significa fortalecer sua existência, duração e influência social.

Não podemos dispensar o exercício cuidadoso e apurado do pensamento como uma prática de racionalidade que atravessa nossa atividade docente diária pelo ato de dizer a verdade frente ao que se estabelece como poder, e que, na maioria das vezes, impede esse exercício. Platão nos ajuda a não perder de vista o compromisso com a verdade como algo da ordem da permanência, da universalidade e de alguma inteligibilidade do mundo e que, pelo esforço da dialética, pode nos conduzir a filtrar melhor o que há de informação em termos de

sua coerência, estabilidade e, principalmente, fazendo paralelo com nossa história e a história do pensamento. Também integra esse esforço uma progressão ascendente e descendente entre nossos modos de conhecer que vão desde impressões e percepções mais imediatas da realidade até estudos e reflexões mais demoradas e aprofundadas de textos e acontecimentos por intermédio da leitura, da escuta e do diálogo em sala de aula.

Inspirados pela retórica aristotélica, professores podem se colocar ainda mais a escuta das convicções comuns dos estudantes sustentadas em bases implícitas ideologicamente construídas em seus pensamentos para que, progressivamente, juntos cheguem a novas perguntas e talvez a algumas conclusões. Aristóteles traz contribuições em sua arte retórica que pode capacitar professores a fazerem um bom uso da palavra no sentido de se fazerem ouvir por um auditório maior de estudantes. Isso porque é preciso lembrar que o discurso científico ainda opera segundo determinados códigos de linguagem assimiláveis apenas para um público interno e de forma muito hermética.

Cícero, por fim, nos revela, sob a mediação fecunda de Chauí (2010), uma síntese entre a retórica, a filosofia e a própria razão de existir do professor em tempos extremamente difíceis. Isso porque a forma eclética com que desenvolvia seu pensamento/escritura/oratória pode se atualizar na prática docente guiada pelo método da dúvida, da exploração e visibilidade contínua do movimento entre teses, antíteses e sínteses entre os estudantes de modo a evitar filiações doutrinárias e a favorecer a livre expressão do pensamento, segundo a faculdade que todos detêm de avaliar as coisas ao seu redor.

O valor concedido por Cícero ao conhecimento da ordem do “senso comum” que as pessoas têm das coisas se justifica pela ideia de que são subsidiadas por algumas noções universais. Nesse sentido, o professor pode fazer uso do “decoro” para não desmerecer tais noções, cuidando para discernir o que é conveniente em cada momento, a fim de que seu discurso seja mais eficaz. Assim, poderá ajudar também os alunos a reconhecerem que não se pode perder de vista o fato de que nem tudo pode ser relativizado.

O professor é alguém que está em busca da sabedoria e que se coloca na perspectiva de pensar e procurar pelo que é essencial. Para tanto, o trato com os conceitos e ideias deve ser buscado com insistência e rigor, de modo que no discurso apareçam de modo claro, coerente e consistente. A coerência, como mostrava Cícero, se realiza entre a ação, o que se sente e o que se diz. Desse modo, a palavra ganha força, não porque seja uma “arma”, mas porque se sustenta por si mesma, atravessada por um caminho de verdade. Que tudo isso venha regado de muita poesia despejando entre os alunos o gosto afinado pela beleza, pelo

“bem comum”, pelo que é justo e que, politicamente, é necessário para não destruir mais a condição humana e esse país que habitamos.

## Referências

ARISTÓTELES. **Obras Completas. Retórica.** Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução à História da Filosofia – as escolas helenísticas.** São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

LARROSA, Jorge. **Aprender de Oído.** Revista Educación y Pedagogía. Vol. 12, nº. 26-27, 2000, p. 37-46.

\_\_\_\_\_. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor.** Tradução de Cristina Antunes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MARTON, Silmara Lúcia; GOMES, Rodrigo Lima Ribeiro. **Retórica, Discurso e Verdade: suas implicações na formação docente** – proposta de curso de extensão apresentada à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense, 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em Defesa da Escola: uma questão pública.** Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retóricas de Ontem e Hoje.** 2ª ed. Humanitas: FLCH/USP, 2001.

OLIVEIRA, Renato José de. **Argumentação e Educação: as contribuições de Chaim Perelman.** Curitiba: CRV, 2016.

PESSANHA, José Américo Motta. **Platão: O Teatro das Ideias.** Transcrição de palestra proferida na PUC-Rio em 1991. In: “O que nos faz pensar”, [S.l.], v. 9, n. 11.1, p. 7-35, mar. 1997.

PLATÃO. **Górgias ou A Oratória.** Tradução, apresentação e notas do Prof. Jaime Bruna. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.